

# Torre de Babel:

Créditos e Poderes da Comunicação

2



Edwaldo Costa  
(Organizador)

**Atena**  
Editora  
Ano 2021

# Torre de Babel:

Créditos e Poderes da Comunicação

2

Edwaldo Costa  
(Organizador)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2021

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Correção:** Kimberly Elisandra Gonçalves Carneiro  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Edwaldo Costa

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T689 Torre de Babel: créditos e poderes da comunicação 2 /  
Organizador Edwaldo Costa. – Ponta Grossa - PR:  
Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-871-7

DOI 10.22533/at.ed.717211103

1. Comunicação. 2. Mídia. I. Costa, Edwaldo  
(Organizador). II. Título.

CDD 302.23

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

A coleção Torre de Babel: Créditos e Poderes da Comunicação é apenas um breve panorama da produção e reflexão acadêmica na área, contemplando a produção de dois e-books, que reúnem não apenas as possibilidades que o campo da Comunicação ensina, mas também os desafios que se erigem na/da sociedade contemporânea, marcada pelo crescente processo de midiatização e conflitos de informação. Neste e-book 2, apresentamos 27 capítulos de 34 pesquisadores.

Na Bíblia, o Gênesis conta que “o mundo inteiro falava a mesma língua, com as mesmas palavras” (Gn 11,1). Os homens resolveram, porém, criar uma cidade com uma torre tão alta que chegaria a tocar o céu e os tornaria famosos e poderosos. Então Deus, para castigá-los, fez com que ninguém mais se entendesse e os homens passaram a falar línguas diferentes. Assim, os construtores da torre se dispersaram e a obra permaneceu inacabada. A diversidade das línguas surge como forma de evitar a centralização do poder. A cidade dessa história bíblica ficou conhecida como Babel, que significa “confusão”.

Muitos milênios depois, o homem se encontra enredado em múltiplas formas de comunicação, com línguas, códigos e dispositivos diversos, cada vez mais sofisticados e mais céleres. Todavia, a (in)compreensão das mensagens vem, assustadoramente, transformando-se, muitas vezes, na destruição da harmonia e da paz entre os homens. Mesmo com o avanço da tecnologia, a comunicação parece permanecer precária. A civilização ergue monumentos gigantescos, mas não é capaz de resolver conflitos básicos.

Trata-se de uma obra transdisciplinar que versa sobre comunicação, legislação, concentração de mídia no Brasil, políticas de comunicação, indústria fonográfica, campanha publicitária, atividade extensionista, produções audiovisuais, análise de vídeos, TV Excelsior, festivais de música popular, Série Elite, diversidade, cultura pop, jornalismo cultural, Filme Hebe, necropolítica, estética da ecopropaganda audiovisual, telenovelas de Benedito Ruy Barbosa, perfil do assessor de imprensa do interior de São Paulo, *trickster*, imaginário, humor, rádio paranaense, arte multidimensional, Nelson Leirner, *branding*, marketing de conteúdo, TV no Brasil, TV em Cabo Verde, TV em Portugal, programas infantis na TV Aberta, editoriais de obras espíritas, Revista TV Sul Programas, Superamigos, ficcionalidade nas telenovelas brasileiras, publicidade eleitoral, tabus da sexualidade feminina, regulamentação das rádios comunitárias, film-photo e debates internacionais que precederam o informe Macbride.

A ideia da coletânea é simples: propor análises e fomentar discussões sobre a comunicação a partir de diferentes pontos de vista: político, educacional, filosófico e literário. Como toda obra coletiva, esta também precisa ser lida tendo-se em consideração a diversidade e a riqueza específica de cada contribuição. Por fim, sabemos o quão importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos a estrutura da Atena Editora,

capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para que estes pesquisadores exponham e divulguem seus resultados.

Edwaldo Costa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A ESTRUTURA DISCURSIVA NARRATIVA APLICADA AO TEXTO PUBLICITÁRIO: POTENCIALIDADES E SUBVERSÕES NA VISÃO DE WALTER BENJAMIN	
<i>Marina Aparecida Espinosa Negri</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7172111031</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>16</b>
A FUNCIONALIDADE DAS ESTRATÉGIAS CRIATIVAS BASEADAS EM HUMOR, IRONIA E DEBOCHE NOS ENUNCIADOS PUBLICITÁRIOS DA CONTEMPORANEIDADE	
<i>Marina Aparecida Espinosa Negri</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7172111032</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>33</b>
LEGISLAÇÃO E CONCENTRAÇÃO DE MÍDIA NO BRASIL: TRÊS DÉCADAS DE POLÍTICAS DE COMUNICAÇÃO (1988-2018)	
<i>Vitor Pereira de Almeida</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7172111033</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>45</b>
INDÚSTRIA FONOGRAFICA: O MERCADO DE MÚSICA NO BRASIL NO INÍCIO DO SÉCULO XXI	
<i>Daniel Parente Nogueira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7172111034</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>56</b>
CRIAÇÃO DE CAMPANHA PUBLICITÁRIA: INTEGRAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA POR MEIO DE ATIVIDADE EXTENSIONISTA	
<i>Andressa Deflon Rickli</i>	
<i>Layse Pereira Soares do Nascimento</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7172111035</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>64</b>
A CRÍTICA POLÍTICO-SOCIAL EM PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS CONTEMPORÂNEAS: UMA ANÁLISE DOS VIDEOCLIPES DE LIA CLARK, GLÓRIA GROOVE, IZA E WANESSA CAMARGO	
<i>Luiz Guilherme de Brito Arduino</i>	
<i>Renata Maria Monteiro Stochero</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7172111036</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>79</b>
A TV EXCELSIOR E AS COMPETIÇÕES MUSICAIS: OS FESTIVAIS DE MÚSICA POPULAR DE 1965 E 1966	
<i>Talita Souza Magnolo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7172111037</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>93</b>
LEITURA CRÍTICA DA SÉRIE ELITE: UMA DISCUSSÃO SOBRE REPRESENTAÇÃO, SIGNIFICAÇÃO E DIVERSIDADE NA CULTURA POP	
Luiz Guilherme de Brito Arduino	
Vânia de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.7172111038	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>112</b>
A VALORAÇÃO DO FILME HEBE EM REPORTAGENS DO JORNALISMO CULTURAL	
Gilmar Adolfo Hermes	
DOI 10.22533/at.ed.7172111039	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>126</b>
NECROPOLÍTICA E PRECARIIDADE NO GESTO DE FILMAR O LUTO DE CRISTIANO BURLAN	
Leandro Silva Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.71721110310	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>138</b>
O FILME VERDE: PARA UMA ESTÉTICA DA ECOPROPAGANDA AUDIOVISUAL	
Francisco dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.71721110311	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>149</b>
A ANÁLISE HISTÓRICA DO ESTILO TELEVISIVO E A CONSTRUÇÃO DE EXPERIÊNCIAS TELEVISUAIAS PARA O TEMA DA TERRA, EM TELENÓVELAS DE BENEDITO RUY BARBOSA	
Reinaldo Maximiano Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.71721110312	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>165</b>
O PERFIL DO ASSESSOR DE IMPRENSA DO INTERIOR DE SÃO PAULO	
Ivana Laís da Silva Santana	
DOI 10.22533/at.ed.71721110313	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>188</b>
O TRICKSTER EM SINTONIA COM O IMAGINÁRIO: MITO E HUMOR NO RÁDIO PARANAENSE	
Rafaeli Francini Lunkes Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.71721110314	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>198</b>
ARTE MULTIDIMENSIONAL: UM ESTUDO SOBRE A GRANDE PARADA, DE NELSON LEIRNER	
Marcos Rizolli	
DOI 10.22533/at.ed.71721110315	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>206</b>
BRANDING E MARKETING DE CONTEÚDO: FORTALECIMENTO E GERAÇÃO DE VALOR PARA A MARCA POR MEIO DE CONTEÚDO SIGNIFICATIVO, CONSISTENTE E RELEVANTE NO AMBIENTE DIGITAL	
Railson Marques Garcez José Samuel Scriviner Neto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71721110316</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>222</b>
OS DOIS LADOS DO ATLÂNTICO: PANORAMAS DA TV NO BRASIL, EM CABO VERDE E EM PORTUGAL	
Vitor Pereira de Almeida Ricardo Matos de Araújo Rios	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71721110317</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>233</b>
70 ANOS DE EVOLUÇÃO (OU INVOLUÇÃO) DO NÚMERO DE PROGRAMAS INFANTIS NA TV ABERTA	
Dirceu Lemos da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71721110318</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>246</b>
RITOS GENÉTICOS (EDITORIAIS) DE OBRAS ESPÍRITAS	
Alcione Gonçalves Antônio Augusto Braico	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71721110319</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>259</b>
REVISTA TV SUL PROGRAMAS: UM RETRATO DOS PIONEIROS DA TELEVISÃO	
Filipe Peixoto Laira Campos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71721110320</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>272</b>
SUPERAMIGOS E AS TRÊS DIMENSÕES DO ESPETÁCULO DE CARIDADE	
Marcelo Travassos da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71721110321</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>286</b>
TERRITÓRIOS DE FICCIONALIDADE E SEUS USOS PARA A CONSTRUÇÃO DAS TRAMAS DAS TELENÓVELAS BRASILEIRAS	
Maressa de Carvalho Basso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71721110322</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>298</b>
O “MITO” NA PUBLICIDADE ELEITORAL; O USO DA PERSUASÃO NA CAMPANHA DE	

JAIR BOLSONARO

Bianca Monti Piazza Lopes

Roberta Fleck Saibro Krause

DOI 10.22533/at.ed.71721110323

**CAPÍTULO 24.....312**

TABUS DA SEXUALIDADE FEMININA: A SEXUALIZAÇÃO DA MULHER AFRO-BRASILEIRA

Juliana Lopes Ordéas Nascimento

DOI 10.22533/at.ed.71721110324

**CAPÍTULO 25.....321**

20 ANOS DE REGULAMENTAÇÃO DAS RÁDIOS COMUNITÁRIAS: POUCOS AVANÇOS E DEMANDAS DE NOVAS CONQUISTAS

Paulo Augusto Emery Sachse Pellegrini

DOI 10.22533/at.ed.71721110325

**CAPÍTULO 26.....334**

UM SÉCULO DE SINFONIAS URBANAS: *FILM-PHOTO* E INCONSCIENTE ÓTICO

Fernanda Aguiar Carneiro Martins

DOI 10.22533/at.ed.71721110326

**CAPÍTULO 27.....344**

UMA ARENA, MUITAS DISPUTAS: UMA RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA DOS DEBATES INTERNACIONAIS QUE PRECEDERAM O INFORME MACBRIDE

André Luís Lourenço

Juliano Maurício de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.71721110327

**SOBRE O ORGANIZADOR.....358**

**ÍNDICE REMISSIVO.....359**

*Data de aceite: 01/03/2021*

### **Alcione Gonçalves**

Doutora em Estudos Linguísticos (UFMG).  
Professora do Centro Federal de Educação  
Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte,  
MG  
<http://lattes.cnpq.br/6442210947844016>

### **Antônio Augusto Braico**

Doutor em Estudos Linguísticos (UFMG).  
Professor do Centro Federal de Educação  
Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte,  
MG  
<http://lattes.cnpq.br/7289975035519398>

**RESUMO:** Partindo da noção de rito genético, cunhada por Dominique Maingueneau (2007, 2009), avalia-se neste estudo quais são as rotinas seguidas por médiuns na produção de psicografias que se tornam livros espíritas. Além disso, adota-se a reflexão de Salgado (2013) sobre ritos genéticos editoriais para se pensar sobre os elementos que concorrem na cadeia editorial de obras ligadas à doutrina codificada por Allan Kardec. Construído de modo ensaístico, este artigo traz os motes supracitados da Linguística e os do Espiritismo. Em seção específica, é feita a inter-relação entre as áreas e estabelecidas algumas digressões. Tem-se como resultado que o livro espírita, derivado de psicografias, conforma um gênero específico e complexo, no qual a noção de autoria é fugidia tanto menos os ritos genéticos ligados à doutrina espírita forem seguidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ritos genéticos (editoriais), Livro Espírita, Espiritismo

### **1 | INTRODUÇÃO**

Como se dá o processo de produção de um livro espírita? Sabe-se que cada gênero textual guarda particularidades e, com isso, existem variações na confecção de cada qual. Há manejos específicos de escrita (e também de leitura) que fazem parte do preparo de um texto autoral destinado à circulação pública. Na dinâmica, não é só o escritor que participa da criação de uma obra literária. Existe uma série de processos complexos de revisão e de edição dos livros que afetam diretamente no produto que chega até ao leitor, denominados ritos genéticos editoriais (SALGADO, 2013).

No entanto, o tema se imbrica ainda mais quando pensamos no conjunto de formulações prévias que se dão também junto ao autor antes da entrega dos originais (o quase-livro, se podemos chamá-lo assim) para a editora. Toda escrita exige algum tipo de preparação. Nesse sentido, o pesquisador francês Maingueneau (2007, 2009) usou a expressão ritos genéticos para tratar dos atos anteriores à produção de um enunciado, uma frase, um texto, quais sejam, por um autor. Nesse conjunto de ações prévias, entrariam não apenas os rascunhos do que será dito/escrito, mas todo um arcabouço de conhecimentos antecedentes

que, propositalmente, auxiliaram o autor a pensar naquela formulação: desde viagens, pesquisas, entrevistas, leituras, entre outras influências.

Nesse contexto, reformulando a questão: quais seriam os ritos genéticos (editoriais) ligados à produção de uma obra espírita<sup>1</sup>? Seria salutar, no entanto, antes de responder a essa questão, justificar e sustentar a colocação dela e o que fomenta a produção deste estudo.

É relevante saber quais são e como se dão os ritos genéticos (editoriais) de um livro espírita por vários motivos. O primeiro deles está ligado à autoria. Tomemos Chico Xavier como exemplo. As (aproximadamente) 400 obras assinadas por ele como médium não são, segundo o próprio, de autoria dele. Diversos espíritos as teriam ditado, em anos de produção regradada por toda a ritualística que a mencionada doutrina exige. Assim, quais lacunas e preenchimentos existiriam nesse entre-dois (espírito-médium) que conformariam um lugar particular em relação à questão autoral?

Partindo do princípio de que as comunicações se deram de maneira inequívoca, no ditar e compreender perfeito (se isso é possível e será discutido), como se dão, a partir da entrega dos originais às Editoras (ou aos editores), os ritos genéticos subsequentes? Quem são os revisores? Que tipos de parâmetros seguem de modo a não afetar o sentido que se pretendia pelo espírito? Aliás, há editoras voltadas para o gênero e que tipo de perspectivas estas colocariam para os ritos genéticos editoriais?

Diante às questões – e da possível extensão das respostas –, o presente trabalho ocupar-se-á de um breve panorama do processo de produção de obras espíritas, discutindo a alteridade discursiva dos coenunciadores frente ao lugar do(s) autor(es) destes livros. Tomando como referencial teórico abordagens discursivas (dos estudos de linguagem), cruzando-as com conhecimentos espíritas, objetivamos fazer conjecturas, marcando o lugar ensaístico deste estudo, sobre os caminhos que um livro percorre.

## 2 | MOTES TEÓRICOS

Donde vem e como se conforma o que os grandes escritores nos transmitem em suas produções? Como nasce e se materializa a bela ideia literária? Se adotarmos como resposta o preceito da ação inspiradora, deveríamos crer na “gênese imediata da invenção”. Todavia, reconhecendo que o dom se conforma no conjunto de possibilidades de desenvolvimento oportunizadas a (ou empreendidas por) alguém, inferimos que a intuição de estro encontra mais eco onde há mais conteúdo – logo, quem mais sabe, mais teria inspiração. Não esqueçamos também que a “obra de arte brota a partir do contágio”, como reação a efeito variável: acontecimento vivido, objeto visto, pessoa com a qual se relaciona,

---

1. Importante fazer a desambiguação com o termo “espiritualista” (aquele/aquilo que crê/demonstra que os espíritos dos mortos existem e podem se comunicar com os vivos), pois aqui trataremos exclusivamente do léxico “espírita” em remissão direta àquele (o sujeito) ou àquilo (no caso, por exemplo, um livro) vinculados ao Espiritismo, doutrina que tem Allan Kardec como codificador (CAMARGO, 1960).

musa etc. Contudo, todo o arcabouço ao qual o autor se vale não deveria assujeitá-lo, na medida em que, e afinal de contas, é ele quem maneja a pena e quem decide (o que) escrever ou não (?) (SOARES, 1979, p.123).

Nessa linha, Soares (1979, p.128-129) lembra-nos das abordagens freudianas, da perspectiva da fragmentação do sujeito que, em sua manifestação artística, pode, “até certo ponto”, expressar-se a partir de outro regime de criação, evidenciado pelo inconsciente, “que se infiltra na consciência do sujeito, tornando-o de certa forma paciente de articulações que transcendem a vigilância da razão”. No entanto, poderíamos deduzir que a conjecturável passividade vai, como ratificado, “até certo ponto”. De mais a mais, a questão da autoria estaria salvaguardada, pois, se não sou *eu* quem escrevo, é o *outro de mim mesmo* a produzir sem, para tanto, subtrair-me por completo. Nessa possibilidade, “o criador se assume como médium entre o outro interno e o discurso”.

Se somos (ou estamos sendo) a soma mais ou menos (des)organizada de todas as nossas vivências/experiências, apreendidas conscientemente, ou não, nossos enunciados parecem evocar e materializar (ainda que isso não fique claro) todo este cabedal. Mas essa bagagem pode ser somada ainda a um grupo de aprestos do qual nos valemos diante de um discurso que se tem como preparar com qualquer antecedência. O linguista Dominique Maingueneau (2007, p.139) diz que o “conjunto de atos realizados por um sujeito em vias de produzir um enunciado”, incluindo também “comportamentos não escriturais (viagens, meditações...)”, pode ser chamado de “ritos genéticos”.

É a maneira como os ritos são conduzidos que conformaria determinada produção enunciativa, como os originais de um livro, por exemplo. As leituras que um autor empreendeu, suas pesquisas, seu recolhimento para a escrita, tudo isso, e mais, influi para que a produção siga determinado caminho e chegue a um ponto específico.

Nada obstante, Maingueneau recorda-nos que existem também ritos “impostos”, ligados a uma espécie de dispositivo (na perspectiva de Foucault), que condiciona (explícita ou implicitamente) a produção enunciativa. “A vocação enunciativa supõe uma harmonização mais ou menos estrita entre as práticas individuais do autor e as representações coletivas nas quais ele se reconhece e que comunidades mais ou menos amplas verão, por sua vez, encarnadas nele” (MAINGUENEAU, 2007, p.139).

Maingueneau (2009, p.155) lembra, ainda, que os ritos genéticos podem ser objeto de normas em certos gêneros (como no jornalístico, por exemplo) e que estes últimos podem colocar restrições, inclusive, na dinâmica de difusão. No caso da produção literária, esta

percorre, com efeito, diversos domínios: de elaboração (leituras, discussões...), de redação, de pré-difusão, de publicação. [...] O tipo de elaboração impõe restrições ao tipo de redação, de pré-difusão ou de publicação; em contrapartida, o tipo de publicação pretendido orienta por antecipação toda atividade ulterior.

É talvez nesses meandros que podemos pensar em ritos genéticos editoriais (SALGADO, 2013), compreendendo a cadeia coenunciativa que se estabelece no processo de revisão/preparação de um texto. Assim, também é por que o linguista francês ratifica então que os ritos genéticos pessoais (próprios) do autor são talvez o “único aspecto da criação que ele pode controlar”, configurando sua marca existencial, sua inscrição em meio às restrições. Para tanto, em alguns casos, “essa necessidade de o criador inventar ritos genéticos específicos e, para além deles, um modo de vida capaz de possibilitar uma obra singular, assume uma inflexão quase religiosa em alguns deles” (MAINGUENEAU, 2009, p.156).

O posto do autor, nessa perspectiva, assegura a textura de uma produção textual. O termo não indica (apenas) a característica superficial de determinada matéria, mais visível, que permite reconhecer o autor pela obra. Textura “designa uma dimensão mais diretamente ligada aos efeitos de sentido produzidos, logo, aos aspectos mais estabilizados ou estabilizantes, à condição de unidade” de um texto. Paralelamente, todas as contribuições advindas da revisão/edição, conformam a tessitura, o modo como determinado discurso será construído, a disposição e a composição do tecido interno de um texto. Juntas, constituem a textualização, a “condição dinâmica dos textos” (SALGADO, 2013, p.268).

No trabalho de Luciana Salazar Salgado (2013, p.260), a autora destaca o papel cada vez mais proeminente que figuras não muito prestigiadas (apesar de seu importante lugar) têm no trabalho de edição de textos. O “ofício do linguista”, como a professora coloca o quadro de atribuições dos (variados tipos de) revisores, compreende uma gama enorme de demandas no processo. Mas, mesmo conscientes da intervenção que esses profissionais são capazes de impetrar nos textos, nem sempre se assume uma expansão da noção de autoria – o que talvez poderia até colocar em xeque a ilusão de autonomia de quem tem o nome veiculado na capa de um livro.

Todavia, há, em geral, o reconhecimento da possibilidade de “um descentramento do texto-primeiro que permite ao autor ser um outro desse outro de si”; o que se coloca em discussão, então, é o conceito de alteridade. Nesse sentido, os editores/revisores seriam não mais do que proletários das letras (léxico entendido de forma ampla) a serviço do autor. São eles que oportunizam este espelhamento ao escritor, de modo que ele se veja e se reconheça (ou não) a partir daquilo que visava em sua produção, ao mesmo tempo em que refletem (os editores/revisores) uma visão mais ou menos condicionada do público (enunciatórios) ao qual o enunciado é dirigido. O papel dos revisores, então, institui-se em um complexo, e até contraditório, lugar de tensionamentos que “vai muito além da ideia de corrigir, padronizar e normalizar” os textos que chegam até eles (SALGADO, 2013, p.260).

O exercício oportunizado pelos editores/revisores não seria o de transformar o texto atual em outra coisa diferente do que se pretendia, mas precisamente torná-lo aquilo que se intentava, demonstrando, em certa medida, que o texto atual apresenta (ou não) discrepâncias com o que ele deveria ser.

Segundo Salgado (2013, p.265), os autores, no entanto, são sempre “dependentes” e “reprimidos” em suas produções. Para a autora, os escritores não são os “mestres do sentido”, uma vez que suas intenções nunca irão se “impor” para os leitores, tampouco, então, para quem faz parte da cadeia produtiva do livro. Além disso, sua repressão se dá em razão da submissão à lógica dispositiva já citada anteriormente. De forma mais didática, o autor provavelmente dê “o tom e talvez reja a banda, mas também ele dança conforme a música” (SALGADO, 2013, p.264).

Em resumo, tentando responder as questões desta seção do artigo: o que os grandes escritores nos transmitem em suas produções vem, evidentemente, de muito trabalho; deles, bem verdade. Decorre de um processo criativo que não dispensa atos conjuradores distintos; de leituras (gerais) prévias que condicionam o sujeito-autor, seus contágios, suas inspirações, seus ritos preparados para alcançar determinada produção; de ações impositivas, de mercado, de leitor, de normas e de convenções. Todavia, vem também de (re)leituras de si para se (com)provar(em), ofertadas pelo labor de diversos profissionais que, muitas vezes, podem auxiliar não na mudança de destino de um enunciado, mas na escolha da melhor rota.

### 3 I DA PSICOGRAFIA AO LIVRO

Mas e quando não é o autor que escolhe (o que) escrever? Isso seria possível em um gênero textual denominado psicografia? Os textos registrariam a “transmissão do pensamento” de um espírito (grosso modo, de pessoa já falecida), “mediante a escrita feita com a mão” de um vivo, qual seja, denominado médium (KARDEC, 2018, p.161). Tal capacidade varia também em sua expressão; isto é, enquanto alguns são capazes de escrever, outros seriam de sentir, intuir, ver, ouvir ou até falar o que é de proveniência espiritual.

Atendo-nos à capacidade de escrita, há um grupo de pessoas que são responsáveis pela chamada psicografia direta/manual. Segundo Kardec (2018), esse tipo de mediação da informação, advinda dos espíritos, pode ofertar que se estabeleçam relações regulares entre os dois mundos. É assim, talvez, que se processa a continuidade da escrita que permite a confecção de livros diversos, como romances e até textos com caráter científico, ditados por espíritos.

No entanto, o verbo ditar é reducionista – e até incorreto; isso porque Kardec (2018) afirma haver pelo menos quatro tipos de médiuns escreventes – também chamados de psicógrafos –, dividindo-se em: mecânicos (escrevem sem a consciência da razão do impulso que lhes imputam os movimentos, agindo, então, o espírito diretamente sobre a mão do médium); intuitivos (na comunicação de pensamentos, tendo o médium consciência do que escreve a partir do que o espírito lhe transmite mentalmente); semimecânicos (sendo uma mistura dos outros dois tipos); e involuntários (também chamados de inspirados, sendo

uma variação dos médiuns intuitivos – todavia, a força oculta é muito menos perceptível, dificultando ao médium saber se aquele pensamento é seu ou de um espírito).

Camargo (2004, p.56), em texto biográfico sobre Divaldo Franco (autor de quase 200 livros psicografados), afirma que a maioria das obras produzidas por este médium ocorreu de forma mecânica – “incluindo-se temas que não fazem parte de seu conhecimento lúcido” e até em “idiomas que não conhecia”. Em casos como esse, acentuar-se-ia o lugar do autor-espírito, sendo o médium, à primeira vista, não mais do que uma máquina de escrever; *quicá*, nessas situações a única preocupação seja a qualidade caligráfica do material.

Com os médiuns intuitivos – e até mesmo com os semimecânicos –, as questões se complexificariam um pouco mais, uma vez que estes são intérpretes do que os espíritos lhes transmitem por meio de pensamentos. Mas como saber de quem é o pensamento? O codificador da doutrina mesmo assevera que, “tendo a consciência do que escreve, o médium é naturalmente levado a duvidar da sua faculdade; não sabe se o que lhe sai do lápis vem do seu próprio ou de outro Espírito” (KARDEC, 2018, p.215). A solução é uma rigorosa observação de si, avaliando se aqueles pensamentos são particulares ou não ao médium, relacionados às ideias que tinham antes de iniciar a psicografia, se correspondem ao seu cabedal de conhecimentos ou mesmo se representam aquilo com que se identifica.

Diversos médiuns, muitos deles pessoas íntegras, já foram acusados de estarem incorrendo em erro quanto ao que é dito em suas psicografias. Algumas informações apresentadas nessas, por vezes, não encontram fundamento ou, o que é pior, até contradizem os fatos, entre outros problemas.

Advém que o médium, segundo Kardec (2018), pode estar sendo mistificado ou que suas comunicações tenham teor anímico maior do que o desejado. No primeiro caso, pode acontecer que comunicações falsas sejam ditadas por “espíritos levianos”, em geral com o intuito de zombar, passando-se por outrem ou dando informações inverídicas. O orgulho, a vaidade, a falta de instrução na doutrina, o entusiasmo exacerbado (deslumbramento) de alguns médiuns, são fatores que podem facilitar tal processo. O que se coloca em questão aqui, então, não é a capacidade de intermédio do sujeito que empreende a psicografia, mas, sim, a idoneidade do comunicante (KARDEC, 2018).

Quanto ao animismo, grosso modo, em alguns casos, o médium pode transpor ao papel impressões e questões pessoais, acreditando que se tratam de informações ditadas por outrem. Isso acontece por que o médium, durante a comunicação, “nunca é inteiramente nulo” (KARDEC, 2018, p.230) e “seja qual for a diversidade dos Espíritos que se comunicam com um médium, os ditados que este obtém, embora procedam de Espíritos diferentes, trazem, quanto à forma e ao colorido, o cunho que lhe é pessoal” (KARDEC, 2018, p.235). No contexto, segundo André Luiz (1998), uma mesma mensagem, de um mesmo espírito, poderia ser composta por escolhas lexicais distintas se comunicada a vários médiuns, uma vez que eles são intérpretes do que é repassado – principalmente os intuitivos e os semimecânicos.

Em todo caso, “para que um espírito possa comunicar-se, preciso é que haja entre ele e o médium relações fluídicas” (KARDEC, 2018, p.208). Assim, infere-se que quanto mais adiantado moralmente está um médium, maiores são as chances de que ele não seja mistificado e até que o teor anímico não interfira tanto na comunicação. Para tanto, é preciso que o médium reconheça sua responsabilidade e seja humilde diante do denominado mandato que guarda. Essa postura, segundo a doutrina espírita, daria não apenas mais segurança ao médium, mas confiança às entidades espirituais que, vendo naquele indivíduo um esforço para a transformação moral, o auxiliariam no desenvolvimento de suas faculdades mediúnicas, a fim de que ele prestasse um maior e melhor trabalho (KARDEC, 2018).

Nesse contexto, é importante lembrar que as psicografias são utilizadas com objetivos diversos na doutrina espírita. Invariavelmente, o intuito dessa ferramenta no Espiritismo é sempre o da busca da evolução da humanidade, tomando a caridade como baluarte na senda. É por isso que, quando transformadas em produções que circularão também fora dos Centros Espíritas, os textos, então convertidos em livros, em geral abordam temáticas que orbitam a perspectiva do amor-ágape.

Paralelamente, a função dos livros no Espiritismo passa não só pela perspectiva terapêutica da palavra, por assim dizer, mas também pela intenção didático-pedagógica (por vezes até técnico-científica). Assegurando ainda as bases lançadas por Kardec, os atributos atuais da doutrina vão no sentido de reforço junto aos espíritas para a leitura frequente.

Tanto o espiritismo brasileiro quanto o francês refletem as características de seu fundador, educador de formação, implicando um processo de formação doutrinária, de controle contínuo e pedagógico que passa pelo livro e pela escritura. Ele atribui um valor capital às mensagens escritas (a psicografia) tanto que ela constitui um setor importante do mercado editorial brasileiro (AUBRÉE; LAPLANTINE, 1990, p.194 *apud* AMORIM, 2013, p.3).

Vale lembrar que as obras são lidas ciclicamente, inclusive e principalmente, entre os médiuns – tendo eles mais experiência ou não. O estudo contínuo, nesse sentido, aparece como prerrogativa entre aqueles que atuam na seara mediúnica, demonstrando que, ao menos no Espiritismo, não basta apenas ter a propensão ou determinados sentidos mais desenvolvidos, é preciso educá-los (LUIZ, 1998). A leitura, tão útil nesse sentido, não se encerra apenas com esse fim, mas naquele ligado à própria capacitação do sujeito, ampliando os horizontes intelectuais.

Não obstante, e embora não se faça aqui qualquer juízo de valor em relação aos tipos de obras, o que se vê muito nas prateleiras das principais livrarias do país é a abundância de livros vinculados à doutrina e que estão relacionadas ao gênero narrativo. Os romances mediúnicos são, talvez, uma entrada para o Espiritismo e, parecem ser, junto aos participantes eventuais (CAMARGO, 1960), o gênero preferido de leitura. Contudo, concordando com Lewgoy (1998, p.108), é interessante notar que, em geral,

os romances mediúnicos são lidos como expressões fiéis de uma esfera espiritual, que não apenas tem a mesma realidade da crença do público leitor como infunde densidade a esta crença. [...] para a esfera da cura, eles podem representar uma etapa de adesão a um sistema de significados em que todas as dimensões da vida do converso são progressivamente ressemantizadas à luz desta crença.

Nada obstante, para ser considerada espírita, infere-se que seria preciso que a obra se vinculasse tematicamente aos preceitos do Espiritismo. As instituições ligadas à doutrina, nesse contexto, serviriam como uma espécie de atestadoras do valor dos textos, efetivamente legitimando-os em função de um *ethos* outrora delineado: suas representatividades socialmente construídas frente, principalmente, ao domínio de saber que guardam. Tal validação, entende-se, é prévia, uma vez que se parte do princípio de que para ser um médium espírita deve-se seguir a doutrina; logo, a rigor, as produções também estariam pautadas pelas perspectivas do Espiritismo.

Mas, como se deduz, não caberia ao médium todo o processo ligado aos ritos genéticos editoriais de uma obra espírita. Tudo começa, porém e como se viu, com as psicografias<sup>2</sup>. Não sendo necessário retomar o que já fora colocado, cabe apenas assinalar resumidamente que: as comunicações espíritas sérias ocorrem em reuniões mediúnicas, mas médiuns há que psicografam nas mais distintas situações e locais; estabelecida a parceria entre espírito e médium, em geral se acordam hora e local para o desenvolvimento das comunicações – que podem recorrer durante dias, meses e anos.

Finalizados, os textos ligados a determinada comunicação podem ser compreendidos pelo médium (e pelo espírito que lhe ditou) como dignos de serem transformados em livros (se esta já não era a pretensão inicial). Apresentados às distintas editoras focadas no segmento espírita, os originais podem ser aceitos para a publicação. Porém, Richard Simonetti, importante nome do Espiritismo no Brasil, aponta alguns problemas do mercado editorial no país. Segundo ele, muitas obras, sem atenção às perspectivas da doutrina, têm sido publicadas, entre outros motivos, visando ao lucro. “Médiuns psicografam algumas mensagens e entendem que devem ser publicadas, confundindo exercícios de psicografia com material para um livro” (VITUSSO; HADDAD, 2012, *on-line*).

Todavia, apontando uma das soluções para o público-alvo, indica que há “editoras sérias, que publicam livros observando o conteúdo doutrinário” (VITUSSO; HADDAD, 2012, *on-line*). A Petit, editora com quase 40 anos de mercado, por exemplo, apresenta um manual aos autores interessados em publicar com o selo dela. Trata-se de documento que, além de apresentar técnicas de escrita, reflete a política da empresa, ratificando que os projetos enviados para avaliação do seu Conselho Editorial devem obedecer aos princípios básicos relativos à doutrina espírita.

---

2. Entende-se por livro espírita não apenas os psicografados – aos quais damos atenção aqui –, mas também aqueles que versam sobre a doutrina, como biografias, obras técnicas, manuais, reflexões diversas, entre outros, não necessariamente então ditados por espíritos.

Muitos textos têm sido publicados como sendo espíritas; porém, pela falta de estudo das obras de Allan Kardec, estes livros trazem enganos, às vezes grosseiros e outros sutis, que chegam a confundir até mesmo um experiente trabalhador na seara espírita. [...] as livrarias descobriram que este é um ‘filão’ no mercado e cada vez mais os livros espíritas conquistam espaços nas livrarias, coisa que há pouco tempo não existia. Hoje, é possível ver grandes editoras investirem neste seguimento; porém, como falta-lhes o principal, ou seja, conhecimento, acabam por publicar livros que não representam o pensamento verdadeiramente espírita, trazendo prejuízo para muitos, principalmente para o leitor leigo, que ainda não conhece os princípios básicos da Doutrina. Vemos ainda editoras que, vislumbrando este nicho de mercado, avançam editando tudo o que lhes cai às mãos, sem o mínimo de cuidado na revisão doutrinária, na diagramação etc., trazendo um amontoado de obras que, em vez de esclarecer o leitor, irá confundi-lo ainda mais (PETIT, s/d, p.4).

Nesse contexto, “publicar [um livro psicografado] sem exame, ou sem correção, tudo quanto vem dessa fonte seria, em nossa opinião, dar prova de pouco discernimento” (KARDEC, 2003, p.277). Observa-se, então, que a análise de conteúdo de um livro espírita é uma etapa à qual se dá muita relevância no meio espírita, influenciando, inferimos, até a revisão ortográfica-gramatical da obra; em outras palavras, o exame das escolhas lexicais e outros aspectos de redação passariam, por vezes, por uma espécie de crivo da semântica espírita.

No entanto, como saber se aquela mudança sugerida na revisão irá ao encontro ou contra o sentido pretendido pelo espírito? Aliás, principalmente no caso dos intuitivos, de que maneira atestar se o médium efetivamente conseguiu captar o sentido pretendido pelo espírito? A resposta está na coerência com as noções fundamentais das obras de Kardec. É propício, então, um rigoroso processo de análise dos textos, em que não cabe orgulho do(s) autor(es) – médium e espírito, pois suas inscrições não devem preceder da atenção às perspectivas doutrinárias.

Infere-se, assim, que, quando aqueles que fazem o copidesque da obra estão inseridos na doutrina, o trabalho parece ser efetivo. Médium e revisores devem trabalhar, então, em afinada parceria. No caso da Petit, “quando o livro é aprovado, a editora assume todos os custos de produção, distribuição e divulgação” (PETIT, s/d, p.4), pautando-se, como se viu, pelas perspectivas da doutrina espírita.

Isso, porém, não é necessariamente uma realidade em outras editoras – sabendo que algumas cobram determinado valor do proponente para empreenderem os trabalhos relacionados –, ou junto a médiuns que financiam a própria publicação, contratando profissionais ao seu modo, incluindo, principalmente, as demandas com projeto gráfico/diagramação. Em ambos, nem sempre se consegue um editor espírita para conduzir os trabalhos – e até que este, necessariamente, se pautar pelos preceitos doutrinários, o que configuraria uma contradição (ainda que ela seja vista atualmente no mercado).

Por fim, traz-se o registro de Ana Cláudia Silva e Verônica Silva (2019) que afirmam uma expansão do mercado editorial espírita – o que é reforçado por pesquisas como as de Franzolim (2017). Da década de 1990 para o presente, um dado chama a atenção:

as editoras espíritas passaram a investir na qualidade do livro e em projetos gráficos atraentes, trazendo a seu público a satisfação da leitura unida ao prazer tátil proporcionado pelos novos objetos. O surgimento de distribuidoras especializadas também favoreceu o crescimento desse mercado e as parcerias com redes de livrarias on-line ampliaram o seu acesso (SILVA; SILVA, 2019, P.4).

O cenário comercial hoje parece ser positivo para obras espíritas (ou que se autochancelam assim), conforme índices de publicação evidenciam (FRANZOLIM, 2017). Entre as prateleiras de várias livrarias, seção exclusiva por vezes é dedicada a livros do gênero – quando não são justapostos em temáticas como Esoterismo, Autoajuda e outras. Nos corredores, somos por vezes instados por publicidades dessas produções. Diante das estantes, entre os vários títulos, realmente se pode ver apostas gráfico-editoriais das mais diversas, encantando pela beleza das capas e da diagramação. Todavia, nem sempre se tratam de obras espíritas.

Assim, fazendo relação mais superficial e sem escapar do clichê, relembramos o adágio: uma obra espírita não deveria vender mais pelo conteúdo do que pela capa? No contexto, ainda que as editoras espíritas (e todos os envolvidos na cadeia editorial dos livros do gênero – ou da doutrina) devam compreender o cenário e o mercado em que atuam, parecem conviver com uma espécie de dupla lógica, uma econômica e outra doutrinária, na qual as engrenagens devem funcionar de modo simultâneo e equilibrado.

#### **4 | ALGUMAS DIGRESSÕES NA INTER-RELAÇÃO**

Como se viu, não é necessário ser espírita para ser médium, tampouco ter bagagem sociocultural ou religiosa específica para produzir psicografias e transformá-las em livro. No entanto, para esse último ser considerado espírita, deve(ria) seguir um rito genético editorial pautado pelas lógicas da doutrina espírita.

O processo começa no autor; mas, afinal, quem é ele? Espíritos há, segundo Kardec (2018), com intenções diversas, a ditar (ou transferir ideias) aos médiuns o que, pela escrita, materializa-se. O que vem depois, todavia, já não é mais decisão do desencarnado, mas do vivo. Entre publicar ou não o texto, queimá-lo, guardá-lo *ad infinitum* em uma gaveta, editá-lo, reescrevê-lo, entre outras opções, invariavelmente são decisões que cabem após análise da missiva. O médium é, assim, o primeiro revisor de conteúdo. Todavia, muitos deles aparentemente veem-se com os direitos da autoria, com a propriedade intelectual de algo que, conceitualmente, é de outrem.

Tal posição encontraria eco na ideia de que, uma vez que o médium jamais é indiferente no processo psicográfico, afetando a comunicação com seu teor anímico, tem quinhão no que produz. De fato. Mas, invariavelmente, os principais ritos genéticos de um mediano, ligado à doutrina espírita, relativizam tal posição: em primeiro lugar, tem-se o fato justamente de ele ser espírita, seguir tal perspectiva, mantendo leitura constante de obras do gênero – o que, direta ou indiretamente, conformaria esse teor anímico, afetando a produção de modo efetivo e direcionado.

Ademais, em segundo lugar e ligado ao inicial, tem-se a busca do médium pelo seu desenvolvimento moral – o que, nada paradoxalmente, auxiliaria, segundo Kardec (2018), na diminuição da interferência do teor anímico na comunicação. Além disso, isso seria útil ainda ao intermédio com espíritos cada vez mais adiantados e que, por esse motivo, não produziram manifestações com intuídos diversos aos da doutrina espírita.

De certa maneira, esses dois ritos seriam, na concepção de Maingueneau (2007), “impostos” ao médium, uma vez que estão ligados a uma espécie de dispositivo espírita; isto é, enquanto doutrina filosófica, a transformação de si é prerrogativa no Espiritismo o que, logo, condicionaria, de algum modo, também as produções discursivas de seus integrantes, quais sejam. Infere-se, então, que os livros espíritas igualmente tenham as suas restrições, que deveriam começar na autoria e no tipo de publicação pretendida, orientando antecipadamente toda a cadeia editorial posterior (MAINGUENEAU, 2009).

Juntos, médium e espírito, formam a textura de uma psicografia. No entanto, o mediano, na condição de espírita que é, deve, abstando-se do lugar do Eu-escritor, fazer o primeiro espelhamento do texto, colocando-o defronte aos livros básicos de Kardec. Qualquer deformação deve ser corrigida – e não no espelho – se se pretende que a produção seja considerada, de fato, espírita.

Compreendendo sua validade, a tessitura continua com os coenunciadores, preferencialmente gerida por editores também espíritas; quanto mais próximo estes profissionais estiverem da doutrina, talvez melhor refletirão para o médium, colocando-o em relação consigo mesmo, com o espírito com quem se comunica, com as noções doutrinárias e, não nos esqueçamos, com as perspectivas do mercado editorial.

Porém, infere-se que, ainda que pautado pelo signo da fraternidade – marca latente do Espiritismo –, esse é um lugar/momento de tensionamentos, tal como qualquer relação editor-autor. Aqui, todavia, perspectivas distintas, de pelo menos quatro agentes, estão envolvidas – a contar o aspecto econômico, que é determinante também para a viabilização do projeto-livro. O ofício do editor (linguista-espírita) aí passa por uma complexa gestão e harmonização dos pontos de vistas.

O produto, a textualização espírita, enfim, deve ser uma amálgama, no qual não importaria quem agiu sobre o texto, mas que a unidade de sentido esteja de acordo com a doutrina espírita, sobretudo no que concerne à ideia de transformação moral dos leitores. No ensejo, a ideia de dependência e de repressão do autor é interessante por diversos

motivos. O espírito comunicante é dependente, pois, como o médium não é neutro, sua interpretação influencia o sentido. Mas o medianeiro também é dependente, pois, a rigor, ele não é autor em essência de nada e carece da efetivação do processo mediúnico. Ambos serão dependentes das leituras subsequentes, inclusive, e finalmente, do leitor final. Mas quem os reprime, todavia, é a própria doutrina – da qual, em tese, os leitores fazem (ou querem fazer) parte.

No contexto, se os autores compreendem e praticam a doutrina espírita, não seria repressão, mas clara adesão, a produzirem obras que venham no sentido de esclarecer, detalhar, ilustrar ou mesmo divulgar o que outrora já fora colocado por Kardec. Repressão diversa, porém, parece vir do mercado que, com sua lógica própria, determina não só o que vende, mas como se vende. Novamente, cabe ao editor-espírita equalizar as lógicas. Não obstante, uma vez que lhes cabe a decisão final, talvez seja atribuição dos médiuns avaliarem se seus livros são fruto de trabalho (pelo qual pretendem aferir lucro) ou de tarefa ligada à doutrina (com a qual almejam levar a mensagem (e não *uma* mensagem) aos leitores). A análise de seu rito genético talvez traga a resposta sobre como devem agir.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As limitações espaciais de um artigo não permitem que uma leitura mais detalhada do fenômeno em estudo seja feita. Ainda assim, esperamos ter alcançado nosso intento inicial. Como resultado, o que se observa, afinal, é que o livro espírita, derivado de psicografias, constitui um gênero específico e complexo. Tal afirmação está ligada aos aspectos que o conformam quando (e se) ritos genéticos editoriais específicos são seguidos; do contrário, pode até ser uma obra espiritualista, mas não necessariamente espírita. É preciso que a produção esteja em conformidade com as obras básicas, o que exige, então, atenta revisão e adequação quando necessária.

Além disso, percebe-se que a noção de autoria é fugidia, tanto menos os ritos genéticos ligados à doutrina espírita forem seguidos. Segundo a doutrina espírita, quanto mais bagagem de conhecimento do Espiritismo e mais desenvolvimento moral o médium tiver, menos influenciará com seu teor anímico na produção. Assim, mais as ideias do espírito aparecerão e também mais próxima a produção estará do conceito basilar de obra espírita. Nada obstante, quando se pensa em produção de um livro, o processo não começa e termina com o médium. Há uma cadeia editorial em sequência que, nada obstante, também deve se pautar pela doutrina, mas, simultaneamente, equalizar interesses de mercado.

Trabalhos porvindouros poderão ser desenvolvidos no sentido de comprovar as considerações expostas ou mesmo ilustrá-las com exposição e estudo de caso. Como estudos futuros, planeja-se, por exemplo, análise junto a médiuns e a obras espíritas de modo a evidenciar determinado conjunto de ritos genéticos editoriais.

## REFERÊNCIAS

- AUBRÉE, M., LAPLATINE, F. La Table, Le Livre et Les Esprits: naissance, évolution e actualité du mouvement social spirite entre France et Brésil. Paris: Éd. Jean-Claude Lattès, 1990. In: AMORIM, P. P. A FEB, o livro e a pretendida identidade espírita. **Anais do IV Encontro nacional do GT História das religiões e das religiosidades**. Rev. Bras. de História das Religiões. Maringá (PR) v.V, n.15, jan/2013.
- CAMARGO, J. **Divaldo Franco**: a história de um humanista. Porto Alegre: AGE, 2004.
- CAMARGO, C. P. F. **Kardecismo e Umbanda**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1960.
- FRANZOLIM, I. **Mercado Editorial Espírita 2017**. Pesquisa. Disponível em <http://franzolim.blogspot.com/>. Acesso em 09 abr. 2020.
- KARDEC, A. **O livro dos médiuns**. (1861). 81.ed. Brasília: FEB, 2018.
- KARDEC, A. Deve-se publicar tudo quanto dizem os espíritos? - Revue Spiritie – Nov. 1859. In: **Revista Reformador**. Trad. Evandro N. Bezerra. 12, n. 2092. Jul.2003. Rio de Janeiro: FEB, 2003.
- LEWGOY, B. A antropologia pós-moderna e a produção literária espírita. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 87-113, jun. 1998
- LUIZ, A. (Espírito). **Nos domínios da mediunidade**. (1955). Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 32. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1998.
- MAINGUENEAU, D. **Discurso Literário**. São Paulo: Contexto, 2009.
- MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar Edições, 2007.
- PETIT, Ed. **Manual de Orientação para Autores de Livros Espíritas**: estreitando Laços. São Paulo: Editora Petit, s/d. Disponível em: <https://www.petit.com.br/arquivos/Manual%20do%20Autor.pdf> – Acesso em 09 abr. 2020.
- SALGADO, L. S. Ritos Genéticos Editoriais: uma abordagem discursiva da edição de textos. In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n.57, 2013.
- SANTOS, J. J. Edições Espíritas no Brasil e em Minas Gerais. In: QUEIROZ, S. (org.). **Editoras mineiras**: panorama histórico.v.2. Viva Voz. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- SILVA, A. C.; SILVA, V. B. de A. Quem lê livros espíritas? In: **Estudos Literários Brasileira Contemporânea**. Brasília, n. 57, Junho, 2019
- SOARES, L. E. O autor e seu duplo: a psicografia e as proezas do simulacro. In: **Religião e Sociedade**, nº4, Rio de Janeiro, 1979
- VITUSSO, I.; HADDAD, E. Um retrato do mercado editorial espírita: Entrevista com Richard Simonetti. In: **Correio Fraternal**. Edição 448. Nov./Dez. 2012. Disponível em: <http://encurtador.com.br/bFLU1> - Acesso em 09 abr. 2020.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Análise Fílmica 126

Assessoria de Imprensa 165, 166, 168, 169, 172, 173, 177, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187

Audiovisual 33, 36, 64, 65, 66, 79, 81, 92, 93, 94, 113, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 148, 150, 151, 155, 157, 227, 228, 231, 287, 291, 334

### C

Cinema Brasileiro 112, 115, 118, 124, 125

Comunicação 1, 2, 16, 18, 19, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 68, 77, 78, 79, 81, 83, 87, 88, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 109, 110, 112, 113, 114, 121, 126, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 149, 152, 153, 162, 165, 166, 167, 168, 169, 179, 181, 186, 187, 188, 204, 206, 208, 209, 213, 214, 215, 216, 217, 219, 220, 222, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 232, 233, 234, 241, 245, 250, 251, 252, 253, 256, 259, 260, 270, 271, 272, 273, 275, 284, 285, 291, 300, 301, 310, 311, 312, 315, 316, 321, 322, 323, 324, 325, 327, 328, 329, 331, 332, 334, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 358

Concentração 33, 34, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 159, 227, 228, 344, 350, 351

Conflito 1, 2, 3, 5, 11, 86, 104, 107, 155, 157, 277, 305, 306, 309, 325

Crítica Político-Social 64, 66, 67, 69, 76, 77, 78

Cultura Pop 93, 94, 108, 111, 197, 236, 282

### D

Desmonte da Ebc 41

Ditadura Militar 35, 36, 67, 77, 79, 91, 113, 118, 119, 120

Documentário 126, 127, 131, 132, 133, 135, 334, 337, 341, 343

### E

Ecopropaganda 138, 139, 144, 148

Elite 83, 93, 94, 96, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109

Estética 8, 65, 66, 81, 90, 109, 138, 139, 140, 151, 154, 155, 156, 160, 200, 204, 338, 339, 341, 342

Estilo Televisivo 149, 150, 160, 162

Estrutura Discursiva Narrativa 11, 1, 2, 3, 7, 15

Experiência Comunicável 1, 4, 6, 7, 14

## F

Festival 10, 79, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 112, 113, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 129

## I

Imagem 16, 18, 20, 21, 25, 30, 120, 121, 122, 131, 133, 135, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 145, 146, 147, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 167, 168, 184, 187, 188, 196, 203, 205, 211, 213, 217, 218, 219, 228, 242, 262, 269, 273, 274, 276, 277, 278, 280, 287, 298, 299, 300, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 317, 318, 335, 336, 337, 338, 341

Indústria Cultural 45, 47, 48, 55, 81, 92, 271, 295

Indústria Fonográfica 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 88

Inovação Tecnológica 45, 51, 54

## J

Jornalismo 1, 4, 16, 44, 112, 114, 125, 149, 165, 167, 358

Jornalismo Cultural 112, 124

## L

Legislação de Mídia 33

Leitura Crítica 93, 99, 105

Luto 126, 127, 129, 130, 131, 134, 135, 136, 137, 290

## M

Matrizes Culturais 149, 151, 152, 153, 155, 162, 294

Mercado de Música 45, 51

Música 45, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 65, 67, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 97, 156, 250, 270, 314

## N

Narrador 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 13, 14, 105, 276, 277, 279, 280, 281

Necropolítica 126, 127, 128, 129, 136, 137

## O

Oligopólios 33, 35, 42

## P

Perfil 56, 59, 75, 118, 140, 165, 166, 169, 186, 187, 191, 260, 261, 262, 265, 266, 270, 289, 309

Prática 1, 7, 10, 31, 40, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 71, 97, 99, 148, 155, 165, 166, 169, 186, 205, 206, 241, 245, 272, 274, 275, 281, 282, 284, 289, 291, 311, 329, 358

Práticas Profissionais 57, 165

Precariedade 126, 127, 129, 130, 136

Publicidade 1, 2, 8, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 28, 30, 31, 45, 51, 56, 57, 58, 61, 62, 63, 140, 144, 148, 207, 213, 237, 241, 265, 298, 299, 300, 301, 305, 310, 311, 325, 326, 327, 330, 331, 333

## **R**

Redação Publicitária 1, 2, 7, 15, 18, 31, 58, 63, 310

Retórica 4, 112, 117, 120, 123, 124, 143, 144, 310

## **S**

Semiótica 15, 95, 97, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 124, 188, 205, 358

Série 15, 35, 38, 58, 71, 93, 94, 96, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 113, 122, 123, 129, 155, 199, 218, 225, 229, 234, 235, 236, 239, 246, 266, 269, 337, 338, 345, 346, 348, 355

Storytelling 64, 65, 66, 68, 69, 74, 75, 77, 78, 162

## **T**

Telenovela 82, 83, 84, 149, 150, 151, 152, 157, 159, 160, 161, 162, 286, 291, 292, 293, 294, 296, 297

Televisão 13, 7, 33, 34, 35, 36, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 92, 94, 98, 109, 113, 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 132, 133, 140, 144, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 159, 160, 162, 194, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 238, 239, 242, 243, 244, 245, 259, 260, 262, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 275, 277, 278, 280, 281, 282, 283, 284, 291, 331, 352

Terra 63, 147, 149, 151, 152, 156, 157, 159, 160, 162, 262

TV Excelsior 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 151, 235

## **V**

Vestibular 56, 61

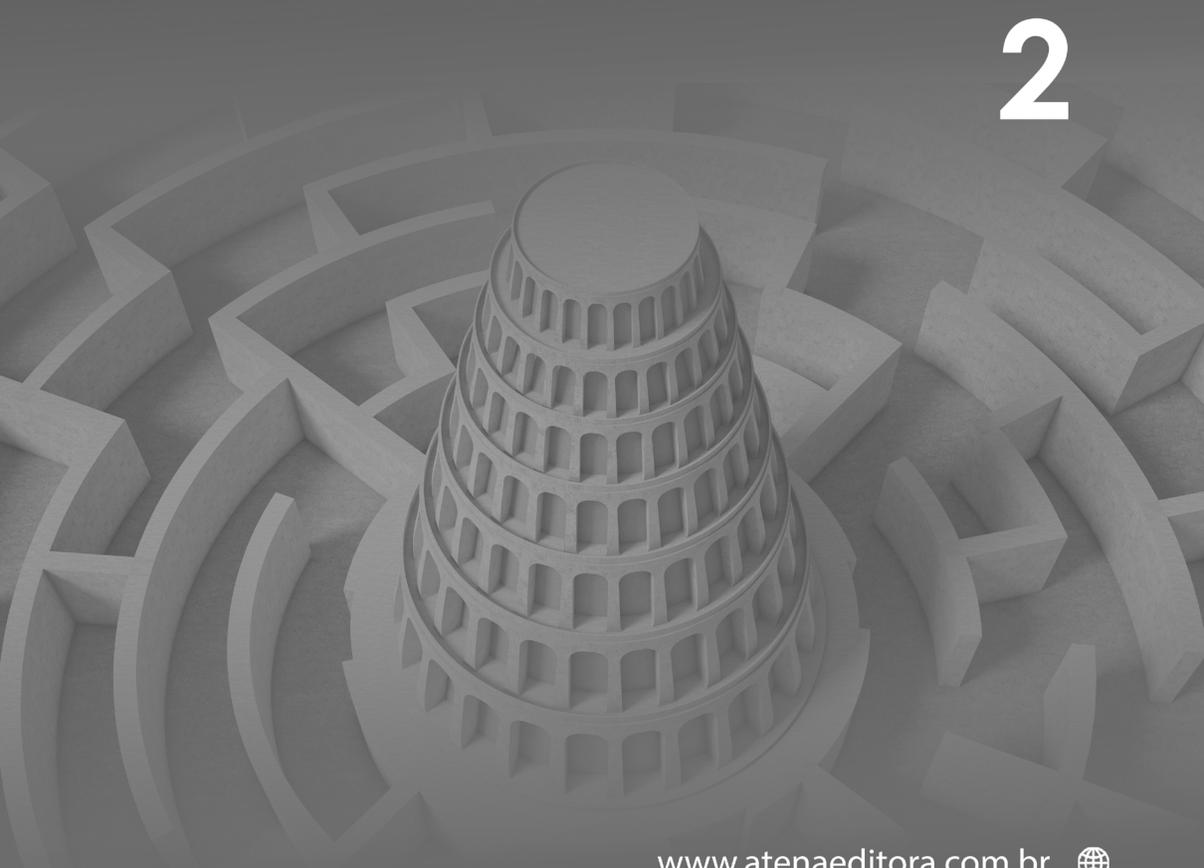
Videoclipes 64, 66, 68, 69, 70, 71, 73, 75, 76, 77, 233

Visualidade 149, 188

# Torre de Babel:

Créditos e Poderes da Comunicação

2



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# Torre de Babel:

Créditos e Poderes da Comunicação

2



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 